

## O cão Rolão

Rolão era um cão de rua.

Todos os dias da sua vida eram passados com a matilha composta de variados espécimes caninos : Bolha, cão malhado e gorducho sempre roendo qualquer coisa e invariavelmente esfomeado.; Ruco, o aventureiro e o mais vadio de todos, afastava-se durante dias na busca de aventuras com canídeos – fêmea, aos quais narrava as suas melhores histórias de vencedor; Tenente, cão cruzado de Pastor alemão e rafeiro, nunca perdia uma oportunidade para se gabar das suas nobres origens ; Thor, um cão culto e de argumentação fácil, com todas as soluções para os problemas de matilha.

Para além disso, Thor era belo, de pelo escuro e luzidio, olhar de um azul penetrante, dentes afiados e brancos. Apresentava sempre uma forma invejável e uma saúde de ferro. Não tinha uma única pelada, uma orelha suja ou a cauda caída. Nele tudo era irrepreensível, como num deus grego ou numa esfinge egípcia.

As fêmeas da sua espécie deixavam-no aproximar-se e aceitavam com alegria os seus piropos e avanços. Ele tinha sempre permissão para prolongar a descendência, para dar ao mundo crias lindas, saudáveis e fortes como ele.

Rolão sentia-se diminuído na sua presença. Era levado a ocupar um lugar traseiro quando a matilha se deslocava para algum sítio. Apetecia-lhe sempre esconder-se, mudar de bairro, ser outro.

No entanto, não podia.

Desde pequeno que era aquele o seu grupo e não era nesse momento que iria desertar. Thor causava-lhe uma dor que nem sabia bem definir...talvez desejasse ser como ele- celebrado no mundo das fêmeas e admirado no universo masculino. Junto de Thor sentia que nada valia, que era estúpido, feio, disforme. E, à noite, quando todos se enroscavam para dormir, Rolão olhava Thor e deixava correr as lágrimas.

Vinha então o sentimento de frustração, de revolta por não ser assim e de medo por se achar um falhado.

Naquele dia, o sol brilhava energicamente. No ar pairava um cheiro acre, estranho. A matilha levantou-se cedo e decidiu palmilhar o caminho que conduzia à vila de Azinhais.

Escassos passos eram dados e todos ficaram lívidos de surpresa e terror. A terra começara a tremer por debaixo das patas e um ronco grosso e cavo ecoou pela planície. Perceberam de imediato que era um terramoto. Esperaram segundos que lhes pareceram anos e viram que algo de muito grave estava a acontecer. Ao longe, avistavam-se quedas de árvores, ouviam-se barulhos de desmoronamentos e gritos de gente.

O pequeno grupo tinha que tomar uma decisão: ou seguia o caminho que todos planearam ou então abandonava a ideia e continuava para o lado oposto, onde grandes e sólidas quintas ofereciam o conforto do descampado.

Bolha, Ruco, Tenente e Thor foram unânimes em inverter a marcha rumo às quintas do Novelo e da Bemposta. Lá, existiam gordas galinhas em capoeiras de fácil acesso e palheiros

frequentemente abertos para uma digestão lenta, confortável. E era mais seguro. Mesmo tremendo, a terra não faria estragos. Porém, Rolão decidiu o contrário. Correu vigorosamente em direção à vila, na ânsia de ajudar pessoas em perigo. Chegou depressa e o cenário que presenciou era dantesco: paredes que ruíam, árvores tombadas, gente que corria desorientada sem saber o que fazer, crianças que choravam. Rolão estacou. Num curto espaço de tempo a terra deixou de mover as entranhas, mas os gritos e os gemidos continuaram - uns nítidos, outros mais abafados.

Humanos fardados aproximavam-se em carros com luzes amarelas intermitentes. Transportavam gente ferida em camas suspensas. Rolão seguiu um grupo de homens que procurava vítimas. Farejou o sangue e o cheiro da pele humana por debaixo dos escombros. Ladrou e uivou nos sítios onde identificava pessoas em perigo. Os homens fardados entenderam os sinais de Rolão e, munidos de pás e alavancas de ferro, levantaram grossas vigas ou largas paredes. Vidas eram salvas no meio do pó e dos destroços.

As horas passaram e Rolão estava exausto. Deitou-se um pouco. Os olhos fecharam-se e o focinho apoiou-se nas patas dianteiras. Não soube quanto tempo passou. Quando voltou a si estava no colo de um humano simpático que lhe acariciava o lombo e lhe chamava “bonito”. Depois, percebeu que lhe preparavam uma refeição de carne e vegetais, quente e reconfortante. Comeu num ápice. Compreendeu que falavam dele, que apreciavam o seu gesto solidário; entendeu que salvara vidas humanas e sentiu-se orgulhoso. Percebeu que a partir dali já pertencia a uma família de seres de outra língua, tinha sido promovido! Iria ter comida e afeto, brincadeira e responsabilidade.

Num passo de mágica, a dor que o fazia sentir-se inferior desapareceu, evaporou-se, simplesmente...deixou de existir! Thor não era mais uma afronta; a sua importância escoara-se de forma definitiva e inexplicável. Que lhe importava a erudição ou a beleza de Thor? O que acrescentava isso à sua vida? Nada! Sentia-se completo. Rolão sabia finalmente que podia ser mais feliz. Bolha, Ruco, Tenente e até mesmo Thor eram agora uma doce recordação...

fevereiro, 2018

A Tutora: Isabel Gomes